

G

GAZETA
NOS
BAIROS

MORRO DOS
ALAGOANOS



SAMBA, CONGADA, MARUJADA, CHORINHO E BOTEQUIM

AJ19645

FALOU EM RITMO MUSICAL, FOLCLORE E UMA BOA RODA DE BAR, FALOU NO MORRO DOS ALAGOANOS, EM VITÓRIA

TATIANA PAYSAN

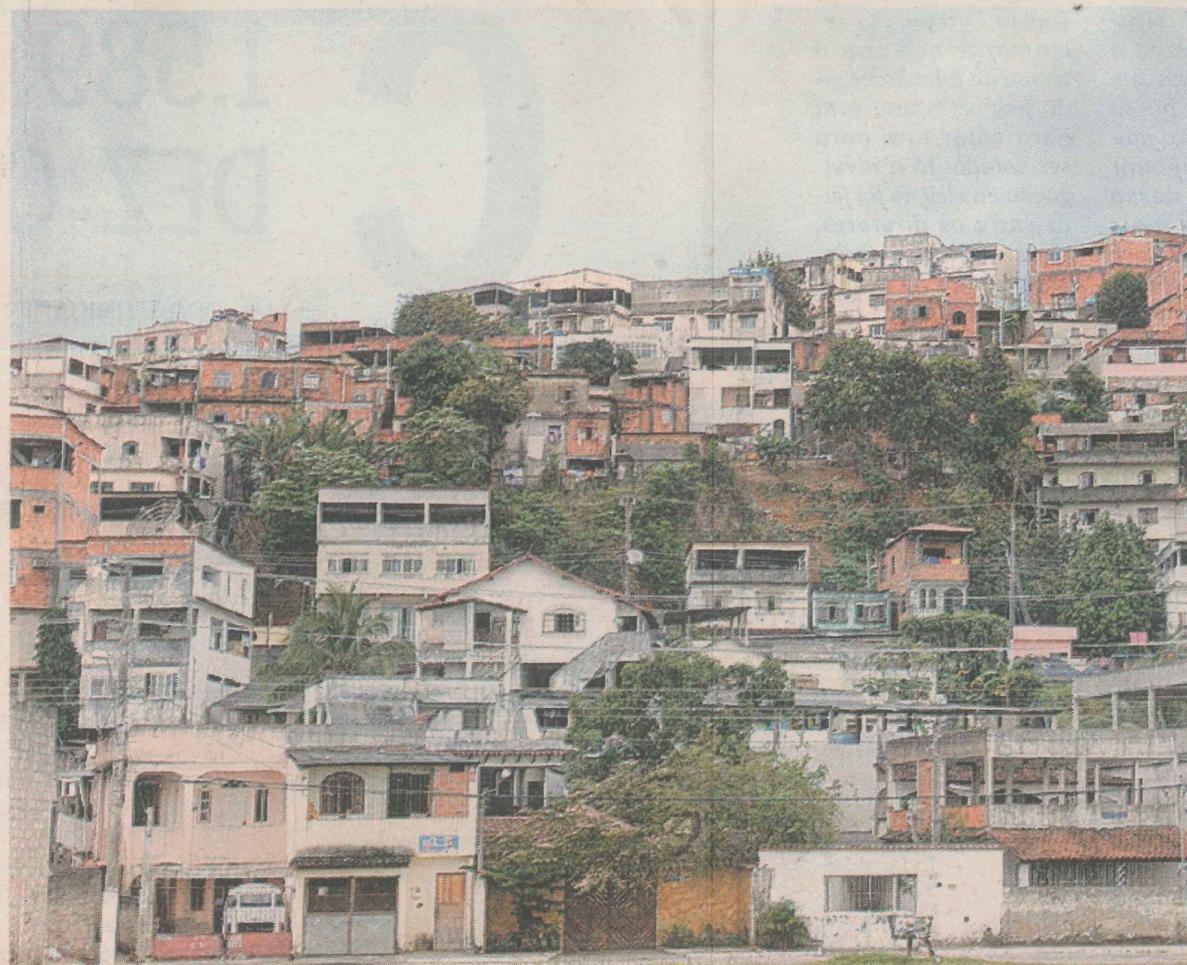
Morro do samba, da congada, da marujada, da Boca da Arte, da Barreira, do Femusquim, do Encontro de Chorinho, e do Raimundo de Oliveira... Ufa! Todas essas características são exclusivas de um só local: o Morro dos Alagoanos, em Vitória, que é o personagem desta semana do Gazeta nos Bairros.

O seu nome surgiu quando, em 1925, muitos trabalhadores vieram para Vitória, para ajudar na montagem da Ponte Florentino Ávidos. Depois de concluída a obra, muitos resolveram

fixar moradia por aqui mesmo e buscaram as áreas ao redor da ponte. Então, o morro em frente a atual rodoviária surgiu como uma boa área para construção das residências.

Em pouco tempo, árvores foram derrubadas, dando início à construção das casas e, por coincidência, os primeiros a fincar o pé no morro, eram alagoanos. Daí, o nome do bairro.

Quem ajuda a contar a história do bairro é a dona Júlia Maria de Oliveira Burim, que, do alto de seus 85 anos, mora no morro desde os 16 anos. “Logo que cheguei, havia



HISTÓRIA. Moram no Morro dos Alagoanos cerca de 4,5 mil pessoas, entre elas dona Júlia Maria de Oliveira Burim.

poucos moradores. As casas salteadas e bem simples. Elas eram de pedras, zinco e estuque”, disse.

Ela conta que água encanda e luz

elétrica também eram oferecidas naquela época. “Nós pegávamos água na casa de seu Torres Dourado, que não cobrava nada da gente. De-

pois, fui uma das primeiras a ter água encanada. muita lata d’água na casa. Todo esse sacrifício só

PERSONAGENS

Bar do Nico é ponto de referência

ANTÔNIO BERNARDO PINTO
Comerciante

“Cheguei ao Morro dos Alagoanos no ano de 1964. No local, não havia nada construído em termos de comércio. As casas eram cercadas. Algumas construção já usavam alvenaria, mas a maioria tinha sido erguida com madeira. Trabalhei como metalúrgico durante 19 anos. Antes de me aposentar, resolvi que iria ser dono de um boteco e montei o bar do Nico, em 1991. O estabelecimento acabou se transformando em um ponto de referência no bairro. As entregas feitas próximas daqui sempre dão o Bar do Nico como referência, que também é muito freqüentado pelos morado-



res. O carro-chefe são as bebidas quentes e a cerveja gelada. Dizem que sou o Rei da Batida. Eles procuram muito o limãozinho, as raízes, as batidas de maracujá e genipapo. Aqui, me sinto no meu lugar. Só penso em sair daqui quando eu conseguir comprar um sítio para descansar.” Fotos: Carlos Alberto da Silva

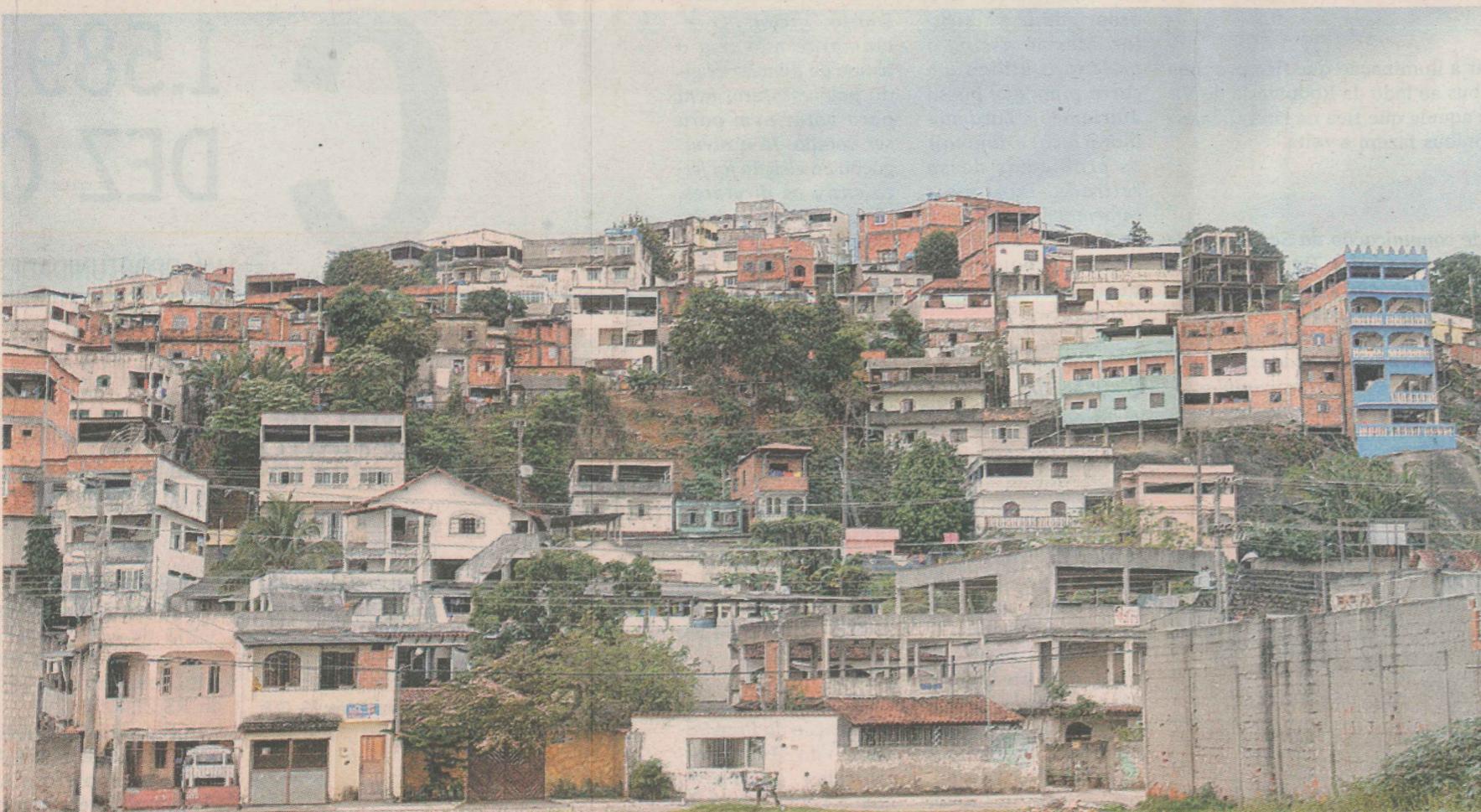
Artesanato com escamas de peixe

LEONÍLIA BARBOSA PAIXÃO
Artesã

“Moro no Morro dos Alagoanos há 22 anos, e o artesanato entrou na minha vida quando eu tinha 20 anos. Naquela época, eu ainda morava em Colatina. Comecei trabalhando com conchas, bolas de gude, e pedrinhas. Só descobri as escamas há 40 anos. Meu marido pescava e eu separava as escamas para fazer as flores. Eu vendia as peças que produzia para uma empresa de turismo. Até que conheci o seu Raimundo de Oliveira, que abriu as portas do mundo das artes para mim. Logo, fui inserida no Artes na Praça e assim comecei a fazer o meu nome. Tudo o que sei também pas-



sei para as minhas filhas. Hoje, conseguimos abastecer o mercado de São Paulo e de Belo Horizonte, e exportamos até para a Islândia. Com esse trabalho, consigo complementar a renda da família. Mas, sobretudo, faço porque amo. É aqui que consigo esquecer dos problemas. Não penso em parar de fazer esse trabalho tão cedo.”



HISTÓRIA. Moram no Morro dos Alagoanos cerca de 4,5 mil pessoas, entre elas dona Júlia Maria de Oliveira Burim, que tem 85 anos. “Logo que cheguei havia poucos moradores. As casas eram de pedra, zinco e estuque”, disse. FOTO: CARLOS ALBERTO DA SILVA

poucos moradores. As casas salteadas e bem simples. Elas eram de pedras, zinco e estuque”, disse. Ela conta que água encanda e luz

elétrica também eram oferecidas naquela época. “Nós pegávamos água na casa de seu Torres Dourado, que não cobrava nada da gente. De-

pois, fui uma das primeiras moradoras a ter água encanada. Já carreguei muita lata d’água na cabeça”. Todo esse sacrifício só serviu para

fortalecer a estrutura de dona Júlia, que, com uma memória invejável, faz com que a história do Morro dos Alagoanos continue viva.

Seus três filhos, 21 netos, 15 bisnetos e 4 tataranetos são a prova de que, de uma forma ou de outra, ela sempre fará parte da história do

Morro dos Alagoanos, que também ficou conhecido como Arivaldo Favalessa. Atualmente, mais de 4,5 mil pessoas moram no local.



Artesanato com escamas de peixe

LEONÍLIA BARBOSA PAIXÃO
Artesã

“Moro no Morro dos Alagoanos há 22 anos, e o artesanato entrou na minha vida quando eu tinha 20 anos. Naquela época, eu ainda morava em Colatina. Comecei trabalhando com conchas, bolas de gude, e pedrinhas. Só descobri as escamas há 40 anos. Meu marido pescava e eu separava as escamas para fazer as flores. Eu vendia as peças que produzia para uma empresa de turismo. Até que conheci o seu Raimundo de Oliveira, que abriu as portas do mundo das artes para mim. Logo, fui inserida no Artes na Praça e assim comecei a fazer o meu nome. Tudo o que sei também pas-



sei para as minhas filhas. Hoje, conseguimos abastecer o mercado de São Paulo e de Belo Horizonte, e exportamos até para a Islândia. Com esse trabalho, consigo complementar a renda da família. Mas, sobretudo, faço porque amo. É aqui que consigo esquecer dos problemas. Não penso em parar de fazer esse trabalho tão cedo.”

O que vem por aí

TERÇA-FEIRA

Espaço cultural para as crianças do bairro

Atividade para a garotada é o que não falta no Morro dos Alagoanos, graças ao Espaço Cultural Boca da Arte, onde meninos e meninas têm aulas de música, canto coral e artes plásticas. O projeto, criado há mais de 15 anos, pretende oferecer acesso a conhecimento artístico aos pequenos moradores.

QUARTA-FEIRA

Parte de encosta desmorona a cada chuva

Um dos problemas mais graves é em relação à região conhecida como Barreira. Os moradores pedem a construção de um muro de contenção no local, porque, segundo lideranças comunitárias, a cada chuva, a terra desmorona um pouco. O medo é de que aconteça uma tragédia, já que há casas no entorno.

QUINTA-FEIRA

Raimundo de Oliveira é o agitador cultural

Raimundo de Oliveira é o que se pode chamar de gente que faz, tamanho é o seu empenho pelo Morro dos Alagoanos. Nascido lá mesmo, ele não se vê longe do bairro. “Tudo aqui é belo. Até as coisas mais simples, como o canto dos pássaros e as crianças soltando pipa”, disse.

SEXTA-FEIRA

Histórias de sucesso dos empresários

A Zudéa é locadora de filmes, loja de roupas e presentes. Idéia original da comerciante Andréa Favalessa. E a Padaria do Bairro é ponto de encontro dos moradores do Morro dos Alagoanos há sete anos. Esses são dois exemplos de comércios que progrediram no bairro.

SÁBADO

Aprenda a andar pelo bairro

Mapa ilustrado do Morro dos Alagoanos traz traçado de ruas, itinerário de ônibus municipais e a localização de serviços de utilidade pública, como escolas, praças e unidade de saúde, além de pontos de comércio, como lojas, padarias, farmácias e locadoras.